

**IMP - INSTITUCIONAL MT DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM  
PSICOPEDAGOGIA**

**CARLA ARCE**

**O PORQUÊ DE TRABALHAR COM O LÚDICO NA EDUCAÇÃO**

**SORRISO – MT**

**2017**

## **O PORQUÊ DE TRABALHAR COM O LÚDICO NA EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao Instituto de Pós Graduação em Psicopedagogia como um dos requisitos para obtenção do título de Especialista Psicopedagogia.

Sob orientação da Prof<sup>a</sup> Mirlaine

**SORRISO – MT**

**2017**

**IMP - INSTITUCIONAL MT DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM  
PSICOPEDAGOGIA**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

---

---

**COORDENADOR**

---

**ORIENTADORA**

-----  
**Nota - Conceito**

**SORRISO- MT**

**2017**

A esperança é algo que traz o sol às sombras das nossas vidas. É nosso vínculo com um amanhã melhor. Quando a esperança se vai, também se vai nossa força vital. Enquanto a esperança permanece viva, também permanece nossa determinação de prosseguir.

***Carla***

Aos nossos amigos

Para aquelas pessoas que fazem nosso coração sorrir...  
Para a galera que sempre esteve junto até mesmo quando nós não estávamos dispostas...  
Para a pessoa que nós esperávamos que nos chutasse quando caímos, e que foi uma das primeiras que nos ajudaram a levantar... Para as pessoas que fizeram a diferença em nossa vida... Para as pessoas que quando olhamos para trás, sentimos muitas saudades...  
Para as pessoas que nos aconselhávamos quando nos sentimos sozinhas, e me ajudaram a entender que não importa em quantos pedaços nosso coração tenha se partido, pois o mundo não irá parar para que nos o conserte... Para as pessoas que nos deram uma força quando nós não estávamos muito animadas. Para as pessoas que amei... Para as pessoas que abracei... Para as pessoas que encontro apenas em meus sonhos... Para as pessoas que encontro todos os dias e não tenho a chance de dizer tudo o que sinto olhando nos olhos... Para nós... O que importa não é O QUE nós temos na vida, mas QUEM nós temos na vida... Por isso... Guardamos todas as pessoas importantes da nossa vida em uma caixinha dentro do nosso coração...

**CARLA**

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade

## **SUMÁRIO**

### **1 INTRODUÇÃO.....08**

<b>2 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO.....10</b>	
<b>2.2 Gestão escolar.....14</b>	
<b>2.3 Educação Infantil.....24</b>	
<b>2.4 Prática Docente.....24</b>	
<b>CONCLUSÃO.....37</b>	
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....38</b>	

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é que possamos mostrar as crianças o conhecimento de que brincar não é só manusear objetos, e sim participar na construção de um brinquedo, por exemplo, ou desenvolver atividades dinâmicas, a influência dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento das crianças na educação e levantamentos de possíveis melhorias na prática pedagógica dos docentes. O brincar proporciona muitos momentos de extrema aprendizagem e trocas de experiências. O brincar é um direito da criança, assim ela desenvolve suas habilidades em diferentes pontos de vista, desperta sua curiosidade, fica mais esperta, crítica e confiante na capacidade de imaginar e dizer o que pensam.

O papel do educador é garantir que a aprendizagem seja contínua. Colaborando para o desenvolvimento do indivíduo em aspectos emocionais, sociais, físicos, estéticos, éticos e morais, pautando seu trabalho com atuação lúdica, onde a brincadeira possa dar espaço para a ação de quem brinca. É na escola que aprendemos a conviver em grupos, a nos socializar e compreendermos como seres humanos, por isso ocorreu a escolha desse tema.

No estágio observatório foi feita uma análise numa instituição particular no município de Sorriso onde foi observado que as brincadeiras são trabalhadas de várias formas. As professoras trabalham muito a brincadeira em sala, através de histórias contadas com fantoche, onde as crianças participam da história, e criam um mundo imaginário e de certa forma dão vida a sua imaginação. O dia mais interessante e esperado pelas crianças é a sexta-feira, pois, é neste dia que elas podem trazer brinquedos de casa, e assim aprender a dividir ou emprestar seus brinquedos, e o que é melhor neste dia é que as crianças ficam livres para escolher do que querem brincar.

Através de um questionário aplicado aos professores do ensino fundamental de 1º ao 4º ano pude perceber que a brincadeira tem uma alta contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, leva o aluno a solucionar conflitos cognitivos ou afetivos, ampliando suas possibilidades linguísticas, psicomotoras, afetivas, sociais e cognitivas.

Foi elaborada uma pesquisa e um bate papo sobre gestão em algumas escolas do município, através dos resultados pode-se perceber que o gestor deve estar sempre acompanhando o andamento e visando o sucesso da instituição, o papel do gestor é estar sempre presente para suprir as necessidades e o bom desempenho de sua instituição e o aprimoramento contínuo.

O momento da brincadeira possui grande importância, pois contribui para o desenvolvimento do potencial integral da criança. Sendo também o espaço que proporciona liberdade criadora, oportunidades de socialização, afetividade e um encontro com o seu próprio mundo, descobrindo-se de maneira prazerosa.

Partindo do pressuposto através do estágio de supervisão e regência ficou-se mais confiante em seguir nossa carreira de educadora, pois tivemos a oportunidade de por em prática o nosso projeto e obtivemos excelentes resultados, com isso foram adquiridas

muitas experiências para nossa formação, conheceu-se a realidade das ESCOLAS, com certeza foi muito produtivo.

## 2 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO

"... A criança deve ter todas as possibilidades de entregar-se aos jogos e às atividades recreativas, que devem ser orientadas para os fins visados pela educação; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito". (Declaração universal dos direitos da criança, 1959)

Associação internacional pelo direito da criança brincar - IPA 1979 (Malta), 1982 (Viena), 1989 (Barcelona)

Os princípios norteadores da Associação Internacional pelo Direito da Criança Brincar - IPA são:

**Saúde:** Brincar é essencial para saúde física e mental das crianças.

**Educação:** Brincar faz parte do processo da formação educativa do ser humano.

**Bem estar - ação social:** O brincar é fundamental para a vida familiar e comunitária.

**Lazer no tempo livre:** A criança precisa de tempo para brincar em seu tempo de lazer.

Segundo a psicóloga HELOISA STOPPA a brincadeira passou a ser vista como expressão da criança e a infância na era do Romantismo a ser compreendida como um período de desenvolvimento específico e com características próprias.

As atividades com contos, brincadeiras podem ser muito úteis para ensinar noções de valores e criticar o ócio.

Se registrarmos a história da literatura infantil verá que ela não tem um percurso extenso, pois se dá início no século XVII, quando a criança passa ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta.

Segundo FREIRE,

Crianças, quando vão às escolas pela primeira vez, geralmente se traumatizam e acabam chorando por dias seguidos, devido à separação das coisas e pessoas. Achem que por estarem na escola, em um ambiente fechado, perdem toda liberdade que tinham em sua casa. Com o passar dos dias, acabam por se acostumar com o ambiente, arrumam amigos e se dedicam no que melhor sabem fazer: brincar, quando lhes é permitido. (FREIRE, 2002. Pag. 45)

Quando a criança brinca, ela esquece muitas vezes o seu cotidiano, ela acha seus amigos imaginários e com isso ele se desenvolve.

[...] não significando com isso uma hipertrofia da consciência do eu, mas simplesmente uma incapacidade momentânea da criança de descentrar-se; isto é, de colocar-se em outro ponto de vista que não o próprio" (Piaget apud FREIRE, 2002, p.19).

Percebe-se que a criança no brincar ela constrói sua realidade adquirindo os espaços, assim ele através das brincadeiras diferencia os objetos ao seu redor. .

É aceitável que essa centração nela mesma permaneça durante algum tempo, o que não se deseja é que essa autocentração estenda-se por longo tempo, ao decorrer do tempo a autocentração vai sendo modificada pouco a pouco, se o ambiente da escola e da casa lhe permitir que aja em liberdade, sem comprometer a física e intelectualmente, ela chegará ao 2º ciclo do Ensino Fundamental (FREIRE, 2002 pag. 08).

As brincadeiras são muito importantes na vida de uma criança, assim ela se sente mais segura e estruturada para estar presente na escola e em sua sala de aula, percebe-se que a criança que brinca ela é mais contente e alegre, assim ela vem mais disposta para as aulas.

As brincadeiras do mundo de rua que se aprende quando crianças também podem ser utilizadas pelos professores. Aprender na rua significa aprender com a vida, ou melhor, com vidas elas enriquecem ainda mais as aulas, esta é uma forma confiável do professor interagir com o cotidiano do aluno (SOLER, pag. 24, 2003).

Nota-se que o jogo é o ato de faz-de-conta, aquilo que na realidade não foi possível, mas está na mente da criança, uma expressão afetiva que seria o gesto corporal, o momento em que seu pensamento e sua imaginação fluem, tendo um papel semelhante ao de jogo de exercício.

Segundo FREIRE, 2002, p.118, na escola, "não é possível separar adaptação de jogo, pois enquanto brinca a criança pensa incessante" Mas, com a evolução do brincar, suas descrições verbais passam aos objetos utilizados, procurando reproduzir com materiais o que caracteriza o jogo de construção.

A improvisação de material é estimular a criatividade da criança para que ela também possa fazer o mesmo, criar um brinquedo do seu próprio gosto. Isto irá despertar o interesse da criança em aprender e a criar algo diferente. Materiais diversificados trazem o lúdico como uma forma de aprendizado e desenvolvimento: "O jogo contém um elemento de motivação que poucas atividades teriam para a primeira infância: o prazer da atividade lúdica" (FREIRE, 2002, p.75).

Nota-se que os brinquedos são objetos manipuláveis, recursos voltados ao ensino que desenvolvem e educam de forma prazerosa; permitindo a ação intencional, a manipulação de objetos, o desempenho da ação sensorial motora e troca na interação, em um contexto diferenciado.

Os brinquedos educativos materializados destinados a ensinar estimulam o raciocínio, atenção, concentração, compreensão, coordenação motora, percepção visual, dentre outras. São brincadeiras com cores, formas, tamanhos, brincadeiras de encaixe, que trabalham noções de sequência; quebra-cabeças que exigem a concentração, memória e raciocínio para juntar uma peça na outra; tabuleiros que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas (FREIRE, pag. 36, 2002).

O professor constrói com seus educandos os seus próprios brinquedos assim os educandos aprendem em matemática, a interdisciplinaridade em todas as matérias.

Segundo PIAGET, até os seis ou sete anos, aproximadamente, a criança se encontra na etapa pré-operacional, caracterizada pelo uso da linguagem e pela função simbólica.

Quando as crianças estão brincando de corrida de carro, consertando uma panela, fingindo ser professor (a), médico (a) ou enfermeira (o), entre outros, elas estão nada mais nada menos que reproduzindo papéis e atitudes que observou nas pessoas mais velhas.

Segundo ESTELA MORA o primeiro brinquedo da criança é seu próprio corpo. Um dos primeiros elementos dentro dela que ela realmente pode usar como tal são as mãos.

As brincadeiras de atividades manuais contribuem para elas adquirirem conhecimento dos objetos e paralelamente as habilidades necessárias para a aprendizagem escolares, como os traços de escrita.

Não é preciso um espaço bem estruturado para que ocorra uma brincadeira, espaços simples se transformam em grandes aliados do educador.

Consta nos RCNEIs que as crianças precisam de um ambiente que estimule o seu potencial criativo, com ações que priorizem o brincar ou as aprendizagens específicas e ainda que a brincadeira seja uma ação que desenvolve a linguagem simbólica, evidenciando a diferença entre fantasia e realidade. (RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica, Curitiba, 2007, p.99).

Correr, pular, se arrastar é exemplos de exercícios baseados no desenvolvimento da coordenação motora geral.

A brincadeira consegue mesmo ou com adultos, com bonecos e outros elementos que podem dar suporte às atividades de imitação, brinquedos que elas possam utilizar para se arrastar, deslocar-se neles de um lugar para o outro, estimula a expressão e atividades motoras.

Quando a criança estiver doente, é necessária uma atenção especial ao tipo de brinquedo que ela poderá utilizar. Nessa situação, todas as crianças mudam um pouco, ficam mais carentes de afeto e atenção. o brinquedo passa a ser um elemento de grande importância, um simples meio de distração.

Para a criança, o brinquedo é objeto de representação, de ilusão, de ficar bem mais próximo da realidade, é objeto de edificação e um meio de aproximar do seu futuro e de suas necessidades inexecutáveis. É o que segue nas próximas linhas; o modo como essas funções está presente na relação da criança com o seu objeto, o brinquedo. e também, como esta relação é importante para a cultura geral e a cultura lúdica das crianças.

Não é difícil encontrar brinquedos que estimula sua imaginação trazendo-lhe distração e novidades, aqui estão alguns exemplos:

- Instrumentos musicais
- Contos ilustrados
- Lápis de cor
- Bonecos e animais
- Massa de modelas entre outros

O brincar é aceito como atividade infantil, mas a sua importância não é reconhecida como parte fundamental do desenvolvimento cognitivo, social e outros.

## • **GESTÃO ESCOLAR**

Refletir sobre como as escolas estão organizadas é fundamental, mantém relação direta com a transformação da escola e do trabalho docente. O gestor deve visar o sucesso de sua instituição, exercer sua liderança administrativa e pedagógica, visando à valorização e desenvolvimento de todos na escola.

“O conceito de Gestão Escolar, relativamente recente, é de extrema importância para que se tenha uma escola que atenda as atuais exigências da vida social: formar cidadãos e oferecer, ainda, a possibilidade de competências e habilidades necessárias e facilitadoras da inserção social. Para fim de melhor entendimento, costuma-se classificar a gestão escolar em três áreas, que funcionam interligadas, de modo integrado ou sistêmico: Gestão Pedagógica, Gestão de Recursos Humanos e Gestão Administrativa” (SANTOS, 2006, p.130).

Administrar é o ato de planejar, organizar, dirigir e controlar os recursos de uma organização, de modo que os objetivos propostos sejam alcançados de forma eficiente e eficaz. Sua principal tarefa é interpretar os objetivos e transformá-los em ação empresarial, utilizando-se de recursos e esforços para se atingir os objetivos em todos os níveis da organização (CHIAVENATO, 2000).

O Plano Nacional de Educação – PNE, sonho inserido na Constituição de 1934 pelos Pioneiros da Educação Nova e retomado na Constituição de 1988, foi instituído pela Lei n. 10.172 de 9 de janeiro de 2001, como resultado de intensa participação dos educadores em sua defesa e elaboração. O PNE, seguindo o princípio constitucional e a diretriz da LDB, define entre seus objetivos e prioridades:

“(...) a democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes” (BRASIL, ART. 14, 1988, p.19)

A Gestão Democrática é uma forma de gerir uma instituição de maneira que possibilite a participação, transferência e democracia.

A gestão democrática com seus princípios vagos, apenas aponta o lógico, não estabelece diretrizes bem definidas para delinear este tipo de gestão.

Uma vez que o objetivo final da gestão é a aprendizagem efetiva e significativa dos alunos, de modo que, no cotidiano que vivenciam na escola, desenvolvam as competências que a sociedade demanda, dentre as quais evidenciam: pensar criativamente; analisar informações e proposições diversas, de forma contextualizada; expressar ideias com clareza, tanto oralmente, como por escrito; empregar aritmética e a estatística para

resolver problemas; ser capaz de tomar decisões fundamentadas e resolver conflitos, dentre muitas outras competências necessárias para prática de cidadania responsável.

A prática educativa não se reúne nos educadores, mas num processo social envolvendo todos os agentes na busca de uma educação de qualidade. Na escola, os agentes são todos da comunidade escolar (pais, alunos, professores, funcionários, gestores...); esta instituição além de se comprometer com o conhecimento teorizado busca a formação integral, incluindo-se valores e atitudes, sentimentos e emoções.

Segundo a LDB e o PNE destacam a autonomia dos sistemas de ensino e de suas escolas. Como estratégias privilegiadas de gestão democrática são instituídas os conselhos de educação nos sistemas de ensino e, na gestão das escolas, os conselhos escolares, sempre com a participação da comunidade. (BORDIGNON; GENUÍNO, 1995, p.04-05),

[...], das relações nas quais o indivíduo é considerado em seu papel de cidadão, para a esfera das relações sociais, das relações das quais o indivíduo é considerado na variedade de seu 'status' e de seus papéis específicos, por exemplo, de pai e de filho, de cônjuge, de empresário e de trabalhador, de professor e de estudante e até mesmo de pai de estudante, de médico e de doente, de oficial e de soldado, de administrador e de administrado, de produtor e de consumidor, de gestor de serviços públicos e de usuário, etc. (BOBBIO, 2000, p. 67).

Para democratizar a gestão educacional é necessário que a sociedade exerça seu direito à informação e à participação, sendo que estes deveriam fazer parte dos objetivos do governo e comprometer-se, com a solidificação da democracia.

A democracia requer verdadeira participação na formulação e avaliação da política educacional e sob total fiscalização, e trabalhar junto à comunidade uma gestão de qualidade requer conhecimento sobre legislação.

Segundo LIBÂNIO (2004) muitos princípios da organização do trabalho pedagógico e da gestão escolar engajados numa perspectiva democrática são sustentados a partir: da autonomia das escolas e da comunidade educativa, envolvimento da comunidade escolar no processo escolar, formação continuada para o desenvolvimento pessoal e profissional dos integrantes da comunidade escolar, avaliação compartilhada e relações assentadas na busca de objetivos comuns.

A gestão democrática também comparece na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394/96, no art. 3. Todavia os determinantes econômicos, sociais, políticos e culturais mais amplos é que agem em favor dessa tendência, reforçando o que já fora posto na Constituição. Referindo-se ao pacto federativo nos termos da autonomia dos entes federados, o art. 14 diz que os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

A educação emancipadora, assim identificada, rompe com qualquer padrão de qualidade estabelecido a priori, em decorrência do próprio desenvolvimento das relações sociais, não cabendo, portanto, "modelos" ou "formulas" que moldam a prática educativa. Pode-se identificar, contudo, alguns atributos de uma escola cuja qualidade se referencie no social (BORDIGNON & GRACINDO, 2000):

“A escola é o lugar que representa a esperança, o desejo humano de aperfeiçoar-se, de mudar, de fazer-se e promover-se o integralmente, o “lugar social no qual a expectativa de mudança é o traço mais marcante” (SILVA, 1996, p.52)”.

Neste sentido, a gestão democrática da educação requer mais que mudanças institucionais requerem mudanças de paradigmas, que fundamentem a construção de novas propostas educacionais, que faça emergir uma gestão diferenciada, na qual a administração da educação:

Constitui-se em fazer coletivo permanentemente em processo. Mudança está pautada nos avanços da sociedade do conhecimento, que por sua vez, fundamentam a concepção de qualidade na educação e define a finalidade da escola (BORDIGNON; GRACINDO, 2004, p.148-149).

Esta mudança de concepção de escola advinda de alterações globais da sociedade subsidia um novo paradigma marcado pela alteração de consciência a respeito da realidade e da relação entre as pessoas (MAIA; LIMA, 2006).

[...] não se trata de uma simples mudança terminológica e sim de uma fundamental alteração de atitude e orientação conceitual. Portanto, sua prática (gestão) é promotora de transformação de relações de poder, de práticas e da organização escolar em si, e não de inovações como costumava acontecer com a administração científica (LUCK, 2000, p.15).

A gestão da escola pública passa, necessariamente, pelo entendimento de que administrar uma escola é possibilitar que crianças e jovens, de quaisquer camadas sociais, se apropriem do conhecimento e construam valores e que isso só ocorrerá se ela se organizar pedagogicamente para isso.

Para realizá-la e para que não seja destituída de sentido, a gestão do processo educacional tem que entender-se, sobretudo, como participante de um processo maior, que é o de tornar o ensino financiado pelo Estado um ensino efetivamente público, superando práticas de privatização da escola pública que é, afinal, de toda a população.

Em consonância com os princípios humanistas que regem a Carta Magna brasileira, a Escola democrática foi instituída como ícone do processo educacional, transformadora da sociedade, promovedora de cidadania, aptidões e competências, garantidora da qualidade de ensino que provesse ao indivíduo plena capacitação para vida pessoal, social e profissional.

Cabe ressaltar que a descentralização não é uma tendência restrita à Educação, nem tampouco, se limita ao contexto nacional. Trata-se de uma preocupação internacional e que vem acontecendo em quase todos os setores. A visão universal é de que o poder de decisão deve ser delegado a quem lida com as questões, a quem conhece com maior propriedade a realidade sobre a qual se toma decisões. Ou seja:

A descentralização favorece a gestão com responsabilidade, na medida em que envolve muito mais atores na decisão final dos resultados. Propicia à quebra de colocar-nos outros a culpa pelo fato de que as coisas não vão bem. Num sistema educacional centralizado cada qual coloca no outro a culpa do insucesso. Ninguém é responsável. Há uma sensação que a educação vai al porque todos se sentem sem poder para fazer mudanças que julgam necessárias. O diretor da escola culpa os professores, estes os pais dos alunos, que por sua vez culpam o Ministério da Educação, que vai jogar a culpa na situação sócio-econômica das famílias e vai se formando uma cadeia que não termina nunca. Na medida em que esta situação é rompida e se entrega a cada responsabilidade compartilhada pelos resultados, cada qual se sente comprometido com o que pode fazer para reverter a situação (MACHADO, 2000, p. 4).

É papel da escola o processo de transformação resgatada através de participação de todos, com convicção de que podemos intervir no processo de constante reconstrução da sociedade.

Uma gestão democrática requer uma educação libertadora que forme sujeitos críticos e transformadores de sua realidade por uma sociedade justa e principalmente inclusiva. Uma gestão que fortalece a integração escola-família-sociedade e que seja compromisso de todos no processo educativo.

O Diretor-Gestor é um líder democrático, que trabalha, coopera, sugere que sabe fazer, participando das tarefas, que dizemos “nós” para avaliação dos efeitos positivos ou negativos da instituição. Este é o líder da organização que aprende e que assume responsabilidades, possibilita autonomia, que interage, participa e coordena a busca de soluções e construções.

Visa um grupo motivando, cooperativo e que tenha vontade de crescer. Um líder leal, que seja o elo das ligações interpessoais com parceria, que não impõe sua verdade, mas constrói verdades com o grupo e tem o respaldo da comunidade escolar, fazendo participar ativamente, trazendo cada vez mais para dentro da escola e buscando estreitar sempre os laços de parceria e cumplicidade.

Segundo LIBÂNIO (2004) muitos princípios da organização do trabalho pedagógico e da gestão escolar engajados numa perspectiva democrática são sustentados a partir: da autonomia das escolas e da comunidade educativa, envolvimento da comunidade escolar no processo escolar, formação continuada para o desenvolvimento pessoal e profissional dos integrantes da comunidade escolar, avaliação compartilhada e relações assentadas na busca de objetivos comuns.

“..tendo em conta que a participação democrática não se dá espontaneamente, sendo antes um processo histórico em construção coletiva, coloca-se a necessidade de se preverem mecanismos institucionais que não apenas viabilizem mas também incentivem práticas participativas dentro da escola pública”.(PARO, 1998,p.46).

A gestão escolar efetiva deve ter clareza sobre o propósito para o futuro. Identificar os saberes necessários a uma prática pedagógica contextualizada com realidades atuais é fundamental para construir um modelo educacional de qualidade.

A contextualização de significados que contribuam com a sistematização do processo é ponto de partida para transformação dos conteúdos a ser desenvolvido. O processo de gestão escolar deve contemplar uma educação voltada para o futuro.

O planejamento do processo de gestão escolar é uma atividade principal, e a ela deve ser dada a devida importância, com a dedicação de tempo que o tema necessita. O planejamento determina o que a instituição está fazendo no momento e como ela pretende fazer no futuro. No planejamento escolar, exige um processo de coleta de informação e tomada de decisões estratégicas que sustentem a sua elaboração e execução, planejar é uma necessidade, mas o fundamental é dar prioridade para essa ação.

Um processo de gestão escolar se faz com a participação, democracia, parceria, conceitos inovadores e referenciais que o sustentem. Também com o acompanhamento e monitoramento sistemático de suas ações que possibilitem o redirecionamento de caminhos, buscando a construção de uma educação que atenda aos anseios da comunidade e a uma educação que atenda aos anseios da comunidade e a um padrão de qualidade superior.

Em um processo de gestão escolar que envolva conceitos, como, participação, democracia, comunidade, planejamento e qualidade, sempre serão necessários uma avaliação que possibilite a mensuração de sua ação e das competências organizacionais presentes.

Avaliar é indispensável que anteriormente seja realizado um planejamento adequado, com explicações sobre os recursos, as metas e os objetivos atingidos.

A avaliação é um dos instrumentos de gestão, sua importância reside, entre outros aspectos, na possibilidade da instituição compreender, verificar ou aumentar o impacto dos serviços e das ações por ela desenvolvida; além de permitir que aperfeiçoe os métodos empregados para aumentar a eficiência das ações, diminuir seus custos e facilitar a gestão, produzindo informações que possam ser utilizadas junto a comunidade, ao sistema que o compõe e aos parceiros.

O papel do gestor escolar é fundamental para o bom desempenho das instituições. Identificar as competências básicas, em termos técnicos e humanos, que são fundamentais para o gestor, bem como possibilitar a reflexão sobre a existência ou não destas, e as possibilidades de aprimoramento contínuo. Cabe ao gestor reconhecer o que deve fazer para atender às contingências organizacionais.

A mudança nos conceitos, nas atitudes, com maior valorização da figura humana é um dos fatores principais para que possamos construir, planejar e idealizar um futuro próspero para as instituições escolares. A capacidade futura de uma sociedade está relacionada à capacidade do indivíduo e da sociedade para trabalhar e adaptar-se com mudanças.

A gestão escolar efetiva exige a participação de todos em sua redefinição. Os profissionais envolvidos com o processo educacional devem concentrar esforços na redescoberta de uma nova educação que crie uma comunidade mais civilizada para existir, interagir, sonhar, realizar, viver e sentir.

O perfil do gestor escolar deve ser de tal forma que atenda às demandas sociais, articule a escola com outras organizações, promova um ensino de qualidade, realize uma avaliação objetivando realimentação contínua, sistematize propostas integradas e alinhadas a concepções contemporâneas que formem um indivíduo que viva sua cotidianidade.

O educador no processo pedagógico é um desafio a ser superado com o incentivo de um gestor escolar que tenha um perfil que atenda as necessidades deste novo cenário e colabore na construção de uma nova realidade social, implementando ações para o desenvolvimento de responsabilidades coletivas, além de propiciar o crescimento profissional de todos os envolvidos.

O gestor tem que ter um olhar ousado para realidade, ir além dos muros escolares e toda a comunidade ao seu entorno, tornando-se esta parceria de suas ações.

O gestor deve ser exemplo de estudante permanente, buscando referenciais que subsidiem a construção de propostas consistentes e correlacionadas nos contextos de educacionais, sociais e políticos.

A formação dos profissionais que atuam na educação e na gestão escolar, “exige hoje, mais do que nunca, uma sólida formação humana e que esta relaciona diretamente com a sua emancipação como indivíduo social, sujeito histórico em nossa sociedade”.

O papel do gestor, nesse processo, segundo Robbins, pois “a liderança tem um papel crucial para compreensão do comportamento do grupo, pois é o líder quem geralmente oferece a direção em relação ao alcance dos objetivos”; e o líder é o gestor. (FARFUS, 2008, p.120).

Apesar de se manifestarem em diversas realidades, as práticas de gestão escolar podem ser percebidas como vinculadas a duas formas básicas uma autoritária e outra democrática.

Em termos gerais, a gestão autoritária defende a centralização de processos decisórios na figura do diretor, do professor em sala de aula ou, ainda, de outros grupos dentro da escola. Numa outra direção, a gestão democrática caracteriza-se por entender que todos devem conhecer os princípios da gestão e interferir nos processos que eles orientam, decidindo os rumos que a escola deverá tomar.

- **A BRINCADEIRA, O BRINQUEDO E SEUS EFEITOS.**

O desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos e afetivos, mas também em aspectos lúdicos.

“O brincar traz de volta a alma da nossa criança: no ato de brincar, o ser humano se mostra na sua essência, sem sabê-lo, de forma inconsciente. O brincante troca, socializa, coopera e compete ganha e perde. Emociona-se, grita, chora, ri, perde a paciência, fica ansioso, aliviado. Erra, acerta. Põe em jogo seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimentos, veem-se desafiadas. No brincar, o ser humano imita, medita, sonha, imagina. Seus desejos e seus medos transformam-se, naquele segundo, em realidade”. (FRIEDMANN, 1998 p.40).

É através do brincar que a criança constrói sua aprendizagem acerca do mundo em que vive. Brincar livremente, correr, trabalhar suas potencialidades, é brincando que a criança fantasia, aceita desafios e melhora o seu relacionamento com o grupo em que esta inserida.

A transformação do mundo necessita tanto de sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha à condições históricas, materiais, aos níveis, de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. (FREIRE, 2000, p 120).

A brincadeira oferece a oportunidade para a criança explorar, aprender a linguagem e solucionar problemas. Segundo Kishimoto (1988, p. 26), “educar e desenvolver a criança significa introduzir brincadeiras mediadas pela ação do adulto, sem omitir a cultura, o repertório de imagens sociais e culturais que enriquece o imaginário infantil.”

Isto significa que o adulto deve observar as brincadeiras, investigar, mas deixar que as regras sejam criadas pelas crianças ou com participação da mesma, pois desta maneira terá facilidade para obedecer-lhes. “Se brincar é essencial é porque é brincando que o paciente se mostra criativo”. (RICHTER, 1998, p. 21).

Sabe-se que brincar é visto como um mecanismo psicológico que garante ao sujeito manter certa distância em relação ao real, brincar é o modelo do princípio do prazer oposto ao princípio da realidade. Através das brincadeiras a criança desenvolve várias coordenações, habilidades e competências, dependendo dos objetivos bem traçados e do condutor da mesma.

Segundo Vygotsky (1979, p.18),

No processo do desenvolvimento a criança começa usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela. Isto ocorre porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado

próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que ajuda a entender seus objetivos. Isto vai envolver a fala, a comunicação.

Definir a brincadeira não é tarefa fácil. A criança pode brincar os seus próprios dedos, fazendo os seus próprios brinquedos, os adultos responsáveis pelas crianças, não devem agir por impulso ao comprar os brinquedos, lembrando que cada idade tem suas limitações, como orientadores, respeitar a capacidade de cada uma e fornecer divertimentos a todas.

A partir destas informações, é importante ressaltar que o brincar faz parte da infância, porém, em várias ocasiões, os adultos (pais ou professores) propõem determinadas atividades para as crianças que parecem não cumprir os critérios acima discutidos, mas que são chamadas de “brincadeiras” pelos próprios adultos. Atribuindo ao brincar funções pedagógicas segue abaixo brincadeiras diversificadas que levam as crianças a aprenderem brincando, brincando por brincar e também resgatando brincadeiras por muitos já esquecidos. (Kishimoto, 1997, pág. 12).

Existem muitas atividades pedagógicas baseadas no brincar bem como os estudos de psicologia infantil direcionados ao lúdico permitiram a constituição da criança como um ser brincante e a brincadeira deveriam ser utilizados como uma atividade essencial e significativa para a educação infantil.

Mas a pergunta sempre se repete, será que a criança aprende com a brincadeira? Pense no desenvolvimento social.

Como criar oportunidades lúdicas para a criança incrementar o seu repertório social bem como desenvolver relações interpessoais? Quando a criança brinca de faz de conta, por exemplo, ela deve supor o que o outro pensa tentar coordenar seu comportamento com o de seu parceiro, procurar regular seu comportamento de acordo com regras sociais e culturais.

Segundo Vygotsky (1984), a criança, ao brincar de faz de conta, cria uma situação imaginária podendo assumir diferentes papéis, como o papel de um adulto. A criança passa a se comportar como se ela fosse realmente mais velha, seguindo as regras que esta situação propõe. Nesse sentido, a brincadeira pode ser considerada um recurso utilizado pela criança, podendo favorecer tanto os processos que estão em formação ou que serão completados.

Acredita-se que pensar na criança envolvida numa atividade que exige certo raciocínio necessitando levantar hipóteses e solucionar problemas; ou ainda numa brincadeira qualquer na qual ela tenha possibilidade de construir conhecimentos e enriquecer o desenvolvimento intelectual.

Segundo (Piaget, 1978 p.12) por fim, não se pode deixar de mencionar as situações que a criança revive enquanto ela brinca; por exemplo: situações que lhe causaram alegria, ansiedade, medo e raiva podem ser revividas em forma de brincadeira o que favorece uma maior compreensão de seus conflitos e emoções. Diante destas informações, a brincadeira pode e deve ser privilegiada no contexto educacional. Vale lembrar que não são necessários espaços muito estruturados ou objetos complexos para que ocorra uma brincadeira.

Espaços simples, com objetos fáceis de serem encontrados e manipulados podem se transformar em grandes aliados do educador. Pense um instante: o que as brincadeiras como esconde-esconde, pega-pega, passa-anel, bingo, boliche, morto-vivo, queimada, pular corda, corre cutia favorecem? Várias habilidades e conhecimentos não são mesmo? Todas elas propiciam cooperação, estabelecimento e cumprimento de regras, aprendizagem de se colocar no lugar do outro etc.

Alguns exemplos incluem brincadeiras com móveis e fantoches (para a criança explorar) bonecas e carrinhos (para a criança dramatizar), blocos de construção (favorecendo a descoberta de conceitos como tamanho, forma, quantidade, relações espaciais, seriação, noção de espaço e causalidade, além da imaginação e criatividade), quebra-cabeça (para estimular o raciocínio, a concentração e o desenvolvimento psicomotor além da cooperação e socialização); brincadeiras na água e na areia (que permitem a exploração, o exercício motor e a socialização); brincadeiras tradicionais (como amarelinha, pião, pipa, as quais possibilitam a compreensão de elementos folclóricos e remete a criança a determinados períodos históricos) e, por fim, as brincadeiras de faz de conta, que, como já discutidas anteriormente, favorecem a imaginação, imitação e possibilitam o desenvolvimento social, afetivo e os processos de raciocínio aos alunos, e estimulação (Kishimoto, 1997).

Na verdade a resposta está na frente de qualquer um, mesmo que não esteja atuando na área da educação para perceber que o que falta na vida desses alunos é estímulo. E uma das maneiras é a brincadeira que traz desenvolvimento, aprendizado e acima de tudo diversão. O aluno tem que gostar de aprender e não ser obrigado a isto. Até porque o que se aprende por obrigação se esquece, mas o que se aprende com o coração se levam para o resto da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança tem a oportunidade de adquirir conhecimento, explorar, descobrir e criar. Nos momentos de brincadeira a criança pode pensar livremente, pode ousar imaginar, essa é a hora de criar, brincar e imaginar que um pedaço de papel e um pedaço de pano é o que ele quer que seja.

Por meio do brincar as professoras proporcionam para as crianças um aprendizado prazeroso, onde eles podem se expressar e interagir com o ambiente escolar. Todas as brincadeiras devem ser planejadas as crianças não devem brincar por brincar, deve ter sempre um objetivo traçado pela educadora. O brincar fundamenta grande parte da aprendizagem das crianças, é essencial tanto fora da escola como no contexto educacional.

As brincadeiras nas series iniciais é muito importante para o desenvolvimento da criança, uma ótima estratégia que contribui muito para o processo de ensino e aprendizagem, fundamental para a socialização, forma pela qual a criança se desenvolve, é através dela que a criança interage com o mundo.

O gestor deve estar sempre a disposição de a instituição exercer sua liderança administrativa e pedagógica, pois é o fator determinante no desenvolvimento das atividades pedagógicas e cabe ao gestor assegurar que a instituição seja um local onde transmite educação, conhecimento, habilidades e formação de valores. É de direito a sociedade trabalhar junto á comunidade uma gestão de qualidade, tendo assim um propósito para o futuro, o processo escolar de gestão só se faz com a participação, democracia, parceria, conceito inovador e referencial que o sustentem.

O estágio feito pelos acadêmicos do curso de pedagogia é de extrema importância para uma carreira de um professor. Pois através do meu estagio tive uma visão de educação, e pude estar sentindo como é o dia a dia de um professor e colocar em pratica o tema do meu projeto onde vivenciei a verdadeira importância do brincar na educação.

O gestor exerce inúmeras funções e precisa sempre trabalhar em equipe para conseguir alcançar seus objetivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, J.S. **Jogos para o ensino de conceitos**. Campinas: Papyrus, 1998.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BORDIGNON, G; GRACINDO, R.V. **Gestão da Educação: o município e a escola**,In: FERREIRA, N. S.C; AGUIAR, M.A. da. S (orgs). Gestão da Educação impasses, perspectivas e compromissos- 4 ed.- São Paulo: Cortez. 1995.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1998. >. Acesso em: 18 maio de 2013.

CANDA, C.N. **Jogando, se expressando e aprendendo**. <http://www.faced.ufba.br>

FARFUS, Daniele (org.), ROCHA, Maria Cristhina de Souza (org.); CARON, Antoninho [et al.]. Inovações sociais. Curitiba: SESI/SENAI/IEL/UNINDUS, 2008. 246 p. (Coleção Inova; v. 2).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 5. ed., São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores. Estudos Avançados**, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3.ed., São Paulo : Cortez, 2001.

LIBANIO, José Carlos. **Organização e gestão Escola. Teoria e Prática**. 5.ed. Goiânia: 2004.

LIMA, Jaqueline da Silva. **A importância do brincar e do brinquedo para crianças de três a quatro anos na educação infantil. Pedagogia em Foco**, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: . Acesso em: dia mês ano.

LÜCK, H. et al. **Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores**. EM ABERTO, Brasília, v.17, n.72, p. 11-33, fev/jun.2000

MACHADO, L. M. (orgs). **Interfaces entre política e administração da Educação: Algumas Reflexões**. – Marília/SP: Fundepe Publicações, 2006.

MORA, Estela. **Psicopedagoga infanto-adolescente**, autora; ed.cultural

Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.- 3ª. Ed.- Brasília: A Secretaria, 2001.

PARO. Eleição de diretores: **a escola pública experimenta a democracia**. Campinas: Papyrus, 1996. . **Gestão democrática da escola pública. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998**.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**, Curitiba, 200

Revista Nova Escola- **Hora de afirmar a parceria**- junho/julho 2013

SANTOS, A. **O encantador de pessoas: conhecimentos, habilidades e atitude para a prática da liderança em espaços organizacionais formais**. Florianópolis: Lex Graf, 2006.

SILVA, J.M. **A autonomia da Escola Pública**. 3ª ed. – Campinas/SP. Papyrus, 1996. – (Coleção Práxis).

SOLER R. **Jogos cooperativos para educação infantil**. Rio de Janeiro Sprint, 2003.

SOUZA, Roselena Siviero de; CORDEIRO, Luciana Peixoto. **Escolas Infantis: leitura e escrita**. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1999.

STOPPA Heloisa Menezes Robles - **Graduação em psicologia e mestrado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)**.. <http://www.profala.com/artpsico79.htm>

VALERIAN, Jean – **Gestão da escola fundamental**: subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento/Jean Valerien, José Augusto Dias – 7.ed.-São Paulo : Cortez; (Paris): UNESCO: (Brasília):Ministerio da Educação e Cultura,2001.

